



18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

GT 27 Desigualdades e Estratificação: analisando sociedades em mudança

Gênero e mudanças sociais: trajetórias de mulheres em Cunha (SP)

Ariane Favareto*

* Socióloga, doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ), bolsista Capes.

Apresentação

A virada do século representa um novo capítulo na longa luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres que agora tem junto aos organismos internacionais a visibilidade necessária para que o tema seja considerado mundialmente como vetor para a promoção do desenvolvimento, combate à pobreza e aumento do bem-estar de cidadãos e cidadãs ao redor do mundo. Tanto a Organização das Nações Unidas (ONU), como o Banco Mundial apontam ser crucial a superação da desigualdade de gênero para o alcance da melhoria de vida nos países, sobretudo àqueles que estão em desenvolvimento. Relatórios elaborados por tais agências demonstram que as mulheres têm, nas últimas décadas, aumentado o nível de escolaridade, têm maior acesso ao mercado de trabalho formal e, também, aumentado sua participação em espaços decisórios, como por exemplo, os parlamentos. Sem dúvida, avanços foram obtidos, mas ainda restam disparidades, especialmente quando os assuntos se detêm à violência, papéis e funções domésticas e desnivelamento de renda.

Dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000 e 2010 mostram que o Brasil segue os indicadores positivos apresentados pelas agências, ou seja, as mulheres estão estudando mais, estão obtendo mais postos no trabalho formal, chefiando mais famílias e obtiveram aumento em suas rendas nesse período. Ainda em consonância com os dados apresentados pelas agências, números do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) das últimas eleições apontam que as mulheres vêm ganhando mais espaço como deputadas federais, porém, perdem lugares nas outras esferas.

Além dos dados, importa-nos compreender como essas tendências se comportam no cotidiano das mulheres e quais delas interferem na abertura de novas possibilidades para elas. Aqui se encontra o objetivo desse artigo. Para alcançar tal intento foram entrevistadas mulheres de diferentes ocupações na cidade paulista de Cunha¹. A escolha do município se deu por dois motivos. O primeiro por ter sido palco de duas importantes pesquisas dos antropólogos Emilio Willems, na década de 1940 e Robert Shirley, na década de 1960. Ambos autores focalizaram as mudanças que a sociedade cunhense passava com a

¹ A pesquisa foi realizada em dois períodos nos anos de 2016 e 2017. Foram entrevistadas, ao todo, 15 mulheres que contaram sua trajetória de vida desde a infância, passando pela adolescência até os dias atuais.

crescente urbanização do estado de São Paulo, caracterizando as novas dinâmicas sociais presentes, especialmente, no modo de vida de seus moradores. Um segundo aspecto reside num novo momento em que a cidade está vivenciando na contemporaneidade, sobretudo, com a abertura de novas atividades econômicas vindas do turismo, atividade localmente crescente nas últimas décadas.

Além dessa apresentação e das considerações finais, esse artigo conta com mais quatro seções. Uma primeira em que são apresentadas as visões das principais agências internacionais sobre igualdade de gênero que tem sua importância, especialmente, por iluminar um importante debate que antes esteve circunscrito aos movimentos feministas e agora ganha corpo mundialmente nas diversas esferas midiáticas. A segunda seção é dedicada à apresentação dos dados brasileiros dos principais indicadores apontados pelas agências internacionais, pretende-se, sobretudo, demonstrar em quais deles o Brasil segue os números positivos demonstrado pela ONU em seu relatório. De forma comparativa, são apresentados os dados do decênio 2000-2010 para o país, o estado e para o município de Cunha. Na terceira seção, o município de Cunha é o foco, aqui, é apresentado um breve histórico, com o objetivo de resgatar os principais aspectos que confluíram na configuração social atual para, em seguida na quarta e última seção, serem apresentadas trajetórias de mulheres que se demonstraram representativas da nova dinâmica em que Cunha se coloca, especialmente, na nova atividade econômica advinda do turismo.

1 – A igualdade de gênero na visão dos organismos internacionais

A igualdade de gênero tem sido apontada como meta para superação da pobreza por organismos internacionais. A ONU desde 2000 pontua o tema e vem acrescentando a igualdade entre os sexos, a valorização da mulher e o empoderamento de mulheres e meninas entre seus objetivos mundiais. Dentre os oito objetivos do milênio, com metas a serem alcançadas no prazo de 15 anos, estava nominalmente a igualdade entre os sexos e a valorização da mulher.

Em relatório (ONU, 2015), a agência sintetiza os avanços obtidos mundialmente após vencimento do prazo acordado com os 190 países

membros, incluindo o Brasil². Dentre os destaques quanto à igualdade entre os sexos, o documento revela maior participação feminina em todos os níveis de ensino, alcançando a paridade de gênero nas matrículas escolares do ensino fundamental nos países em desenvolvimento; maior participação feminina nos espaços políticos, especialmente, nos parlamentos ao redor do mundo, embora os números totais ainda favoreçam largamente a parcela masculina da população, sobretudo nas funções de liderança; e, maior acesso a empregos remunerados, mesmo que as mulheres ainda sejam desfavorecidas no mercado de trabalho, quer por motivos ligados às responsabilidades domésticas, ou pelas próprias características culturais dos países.

Apesar desses avanços, o relatório traz dados que demonstram que as mulheres têm um maior risco de viver em situação de pobreza do que os homens da mesma faixa etária, confirmando ser crucial que a superação da pobreza seja um tema pertinente para a agenda mundial pós-2015. Além da pobreza, o documento revela outros entraves importantes de serem abordados na agenda futura para o alcance da igualdade de gênero. Entre eles estão a divisão desigual entre os sexos quanto ao trabalho doméstico não remunerado, o controle feminino sobre bens e propriedades e a violência contra mulheres e meninas. Por esses motivos, a agência afirma que as perspectivas de gênero devem ser integradas em todos os objetivos futuros que visem o desenvolvimento dos países³.

O tema da igualdade de gênero é retomado pela ONU, ainda em 2015, no desenho da nova agenda pactuada entre os países membros. Os objetivos do desenvolvimento sustentável têm como prazo de cumprimento o ano de 2030. O alcance da igualdade de gênero e o empoderamento de meninas e mulheres é o quinto objetivo, entre os 17 acordados. Em consonância com os entraves

² A agência utiliza como parâmetro dados do ano de 1990 e as 21 metas e 60 indicadores oficiais determinados pela própria ONU.

³ Reforçando a agenda sobre a igualdade de gênero, a ONU cria, em 2010, a ONU Mulheres, braço da agência para dedicação às questões ligadas às mulheres, enfocando cinco áreas prioritárias: i) aumentar a liderança e a participação das mulheres; ii) eliminar a violência contra as mulheres e meninas; iii) engajar as mulheres em todos os aspectos dos processos de paz e segurança; iv) aprimorar o empoderamento econômico das mulheres; e, v) colocar a igualdade de gênero no centro do planejamento e dos orçamentos de desenvolvimento nacional. Buscando fortalecer seus compromissos, a ONU Mulheres lançou, em 2014, uma campanha denominada *He for She*, com forte apelo midiático na conclamação de homens e mulheres para a promoção da igualdade de gênero.

apresentados no relatório que avaliou os avanços dos objetivos do milênio, as novas metas se concentram em acabar com a discriminação e violência contra as mulheres, reconhecer e valorizar o trabalho doméstico e de cuidados assistenciais, garantir a participação e igualdade de oportunidades nos espaços decisórios, além do apoio e estímulo às políticas e legislações que promovam a igualdade de gênero.

Nessa mesma linha o Banco Mundial (2012) refere-se em relatório específico sobre a igualdade de gênero que o desenvolvimento dos países depende da promoção da igualdade entre os sexos, com base em três conceitos-chave expressos no acúmulo de dotações, entendidas enquanto acesso à saúde, educação e ativos físicos; aumento de oportunidades econômicas, melhorando a renda; e, capacidade de decisão que seria obtida como derivação dos dois primeiros. Nesse sentido, as principais noções de igualdade referendadas pelo Banco Mundial estariam em consonância com os pressupostos teóricos sobre desenvolvimento do economista indiano Amartya Sen (2003) que coloca que o bem-estar humano não deve ser avaliado somente pelo componente econômico, deve incluir as capacidades e habilidades que o indivíduo dispõe, importando, portanto, os elementos constitutivos da vida humana que possibilitam, ou limitam, suas conquistas e seus desejos.

Dessa forma, a igualdade não pode ser representada como um princípio absoluto, nem mesmo como ausência de diferenças, como alerta Scott (2005, 1995) esses conceitos – igualdade e diferença – não são opostos e sim interdependentes e em permanente tensão e para percebê-los torna-se necessário compreender como os processos de diferenciação, que são socialmente construídos, operam. Para ela, é mais importante nos questionarmos como as coisas acontecem para descobrir porque elas acontecem, iluminando que as questões de gênero representam um elemento constitutivo das relações sociais, baseado numa primeira forma de diferenciação que é biológica e acaba por significar relações assimétricas de poder. Tais relações de poder se colocam e se reproduzem em todas as esferas da vida social. A autora indica, ainda, que atributos de mudança podem ser encontrados em transtornos políticos em massa, crises demográficas, transformações nas estruturas de emprego e na emergência de novos tipos de símbolos culturais.

Diante do exposto, duas necessidades se colocam na tentativa de compreender como estão se processando as dinâmicas sociais no sentido de promoção da igualdade de gênero, nos termos das agências internacionais, ou na identificação dos componentes de diferenciação social, na proposta de Scott. A primeira delas consiste na análise da evolução dos dados no Brasil no decênio 2000-2010. Com isso, obtém-se um parâmetro de indicadores que se apresentam como pilares de reprodução de diferenças, especialmente, a educação, a renda e o acesso a empregos, e a representação institucional. A segunda consiste em desvelar empiricamente como se dão as dinâmicas sociais em determinado local, buscando compreender as influências da configuração social nas possibilidades de futuro erigidas ao longo da história e expressas nas trajetórias de vida das mulheres.

2 – Os números de uma década

Baseado nos dados que as agências internacionais apontam como indicadores da igualdade de gênero, apresenta-se nesta seção os números do IBGE referentes à educação, renda e acesso à empregos formais para as mulheres. Os dados referem-se ao município de Cunha (SP), cenário onde ocorreu a pesquisa, contudo, para efeitos comparativos são apresentados dados do estado de São Paulo e do Brasil. Ainda de modo a obter-se um mínimo comparativo, os números referem-se aos anos de 2000 e 2010. Além disso, dados sobre as últimas eleições, obtidos junto ao TSE desvelam a participação política das mulheres no Brasil. Também com efeito comparativo, os dados se referem tanto às duas últimas eleições presidenciais, em que foram escolhidos representantes ao Senado e à Câmara; como também às eleições municipais, onde foram eleitos os prefeitos e representantes para às Câmaras Municipais.

2.1 – Educação

O analfabetismo é uma questão pertinente no Brasil. Em 2000, 12,9% da população brasileira não alcançava nenhum nível de instrução obtido pela educação formal, o município de Cunha seguia esses mesmos valores. Com relação às mulheres este valor era mais elevado no município (13,8%), contra o percentual de 12,1% atribuído aos homens no mesmo período. Tanto o estado de São Paulo como no país, a maior taxa de analfabetismo esteve concentrada entre as mulheres. Esse quadro se altera levemente em 2010 quando as

mulheres apresentam menores taxas de analfabetismo em relação aos homens no país como um todo, respectivamente 9,1 e 9,8%. Contudo, no estado elas ainda são maioria, 4,8 contra 3,7% e no município de Cunha há igualdade nos percentuais de analfabetismo (9,8%). A maior taxa, tanto em 2000 como em 2010, está entre as mulheres com mais de 60 anos, denotando a dificuldade de acesso à educação formal nas décadas anteriores. Opostamente, as mulheres entre 15 e 29 anos são as mais alfabetizadas, chegando a 0,7% a taxa de analfabetismo no estado de São Paulo em 2010.

O abandono precoce à escola é mais comum entre os homens, mas diminuiu no período analisado. Se em 2000 mais de 50% dos homens abandonavam a escola, esse percentual cai para 41,1% uma década depois no país, de 43,2% para 34,5% em São Paulo, ao passo que as mulheres vão de 44,7% para 31,9% no país e de 38,4% para 26,9% no estado. Chama a atenção o alto número de abandono escolar entre os homens em Cunha, em 2000 eles representavam 76,7%, baixando para 53,1% em 2010. Entre as mulheres esses valores também altos ficam, respectivamente, entre 68 e 41%. Shirley (1977) já apontava a dificuldade de ingresso da população de Cunha no ensino formal, foi apenas em 1957 que o município instalou uma escola de nível ginásial, anteriormente a esse fato, as pessoas que quisessem seguir estudos para além do primário tinham que se dirigir às escolas dos municípios vizinhos. Atualmente isso ocorre para as pessoas que querem cursar o ensino técnico ou superior, já que o município não possui universidade.

Os dados das tabelas abaixo demonstram que as mulheres são maioria ao frequentar e concluir o ensino superior. Além disso, elas vêm aumentando sua participação em todos os níveis de ensino no período analisado.

Tabela 1 – Proporção de pessoas por nível de instrução e por sexo, Brasil (2000-2010)

Nível de Instrução	Homens 2000	Homens 2010	Mulheres 2000	Mulheres 2010
Sem instrução e ensino fundamental incompleto	64,8	50,8	63,4	47,8
Ensino fundamental completo e médio incompleto	13	14,9	12,4	14,4
Ensino médio completo e superior incompleto	15,6	24,1	17,1	25
Ensino superior completo	6,53	9,95	7	12,5

Fonte: Censos demográficos IBGE, 2000 e 2010

Tabela 2 – Proporção de pessoas por nível de instrução e por sexo, São Paulo (2000-2010)

Nível de Instrução	Homens 2000	Homens 2010	Mulheres 2000	Mulheres 2010
Sem instrução e ensino fundamental incompleto	55,6	40,6	57,1	41,3
Ensino fundamental completo e médio incompleto	15,7	16,7	14,7	15,8
Ensino médio completo e superior incompleto	18,7	27,9	18,3	26,6
Ensino superior completo	9,87	14,3	9,78	15,8

Fonte: Censos demográficos IBGE, 2000 e 2010

Tabela 3 – Proporção de pessoas por nível de instrução e por sexo, Cunha (2000-2010)

Nível de Instrução	Homens 2000	Homens 2010	Mulheres 2000	Mulheres 2010
Sem instrução e ensino fundamental incompleto	85	75,6	81	67,5
Ensino fundamental completo e médio incompleto	6,89	9,67	7,71	8,8
Ensino médio completo e superior incompleto	4,67	9,36	7,75	14
Ensino superior completo	3,22	5,29	3,53	9,7

Fonte: Censos demográficos IBGE, 2000 e 2010

De maneira geral, é possível afirmar que as mulheres vêm aumentando os anos de estudos, sendo inclusive, maioria a alcançar o ensino superior. Frisasse, contudo, conforme apontado por Favareto (2016) ao citar relatório da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2012) que a maioria dos cursos escolhidos são os ligados às ciências humanas, saúde e assistência social, numa clara associação simbólica entre essas profissões e as atividades consideradas femininas ligadas ao cuidado e a maternidade. Destaca-se, ainda, que o período de análise contou com vários programas de acesso às universidades públicas e particulares, bem como, a expansão na criação de universidades, possibilitando o ingresso mais elevado ao ensino superior.

2.2 – Renda e emprego

Em termos de renda é importante destacar que a renda média geral do brasileiro aumentou no decênio 2000-2010, passando de R\$ 1.292,93 para R\$ 1.335,06. A mesma situação observada para o município de Cunha, cuja renda aumentou de R\$ 702,30 para R\$ 812,38. Opostamente, no estado de São Paulo a renda média caiu de R\$ 1.766,49 para R\$ 1.657,03.

As mulheres identificadas na categoria chefes de família também aumentaram no período analisado, se em 2000 elas representam 22,2% no

Brasil, em 2010 elas são 37,7%. Os percentuais também aumentam tanto para o estado de São Paulo (de 20,8 para 36,8%) como para o município de Cunha que passa a ter 26,1% das famílias chefiadas por mulheres em 2010, contra os 13,8% encontrados em 2000.

Acompanhando esses dados, a proporção de mulheres com 16 anos ou mais de idade sem nenhum rendimento caiu no período de 45,3% para 30,4% no Brasil, de 43,2% para 31,1% em São Paulo e de 58,9% para 34,5% em Cunha. Apesar disso, a proporção de mulheres que recebem um salário mínimo aumentou, significando que apesar de ter um rendimento próprio, as mulheres recebem pouco pelo trabalho prestado. No Brasil do ano 2010, um salário mínimo era o rendimento de 33,7% das mulheres, de 21,4% no estado de São Paulo e 46,4% em Cunha.

O baixo salário e, principalmente, a diferença de renda das mulheres em relação aos homens é tema constante nos debates feministas e revelador da desigualdade nas relações de gênero. As tabelas abaixo trazem o rendimento médio das mulheres e a proporção do rendimento em relação ao rendimento total familiar nos anos de 2000 e 2010. Vê-se que apesar de ter aumentado no período analisado, os valores ainda são inferiores aos dos homens.

Tabela 4 – Rendimento médio de ocupados com 16 anos ou mais de idade, por sexo (em R\$) - 2000/2010

	Homens 2000	Homens 2010	Mulheres 2000	Mulheres 2010
Brasil	1.469,70	1.522,37	995,69	1.122,65
São Paulo	2.049,52	1.907,33	1.320,26	1.328,58
Cunha	711,60	850,47	670,67	730,61

Fonte: Censos demográficos IBGE, 2000 e 2010

Tabela 5 – Média do percentual de rendimento das mulheres na família em relação ao rendimento total familiar

	2000	2010
Brasil	33	40,9
São Paulo	32	37,8
Cunha	21,6	31,7

Fonte: Censos demográficos IBGE, 2000 e 2010

Em termos de acesso a postos de trabalho com carteira assinada, o cenário foi positivo no período tanto para as mulheres quanto para os homens (tabela 6). Vale destacar, contudo, que as mulheres ocupam mais postos no setor de serviços, que possuem remuneração mais baixa e atividades que são

consideradas tipicamente femininas, como as ligadas ao cuidado, assistência e limpeza.

Tabela 6 – População ocupada em trabalhos formais (pessoas) - 2000/2010

	Homens 2000	Homens 2010	Mulheres 2000	Mulheres 2010
Brasil	19.838.719	28.918.290	12.404.826	20.777.308
São Paulo	5.859.487	8.095.942	3.584.066	5.957.511
Cunha	2.003	2.509	746	1.047

Fonte: Censos demográficos IBGE, 2000 e 2010

Em suma, as mulheres estão conquistando mais postos de trabalho e chefiando mais casas, porém, os ganhos obtidos ainda são inferiores aos dos homens. Além disso, vale lembrar que além do trabalho formal, as mulheres dispõem, ainda, horas de trabalho doméstico cuja responsabilidade é majoritariamente feminina nos lares brasileiros⁴.

2.3 – Participação política

O ano de 2010 foi emblemático para o Brasil no que se refere às eleições presidenciais, pela primeira vez na história do país uma mulher assume a presidência, sendo reeleita nas eleições seguintes, em 2014. Nesses pleitos também foram escolhidos representantes para os governos estaduais, senado federal, câmaras estaduais e federais. Apesar da chefe do executivo ser uma representante feminina, o mesmo movimento não alcançou as outras instâncias que permaneceram majoritariamente ocupadas por homens.

Em 2010 foram eleitas apenas duas governadoras, para os estados do Rio Grande do Norte e Maranhão, tal cenário não se repetiu ou logrou maior êxito nas eleições de 2014, momento em que apenas uma mulher foi eleita governadora no estado de Roraima.

Para o senado federal, em 2010, foram eleitas sete mulheres, caindo para cinco em 2014⁵. As sete mulheres eleitas em 2010 são representantes dos estados do Amazonas, Bahia, Goiás, Paraná, Roraima, Rio Grande do Sul e São Paulo. Note-se que elas foram escolhidas junto a um representante masculino, ou seja, nenhum estado escolheu duas mulheres para ocupar as cadeiras

⁴ Segundo dados da Pesquisa de Amostra por Domicílio (Pnads) do IBGE, realizada em 2015, as mulheres dedicam o dobro do tempo que os homens em atividades domésticas.

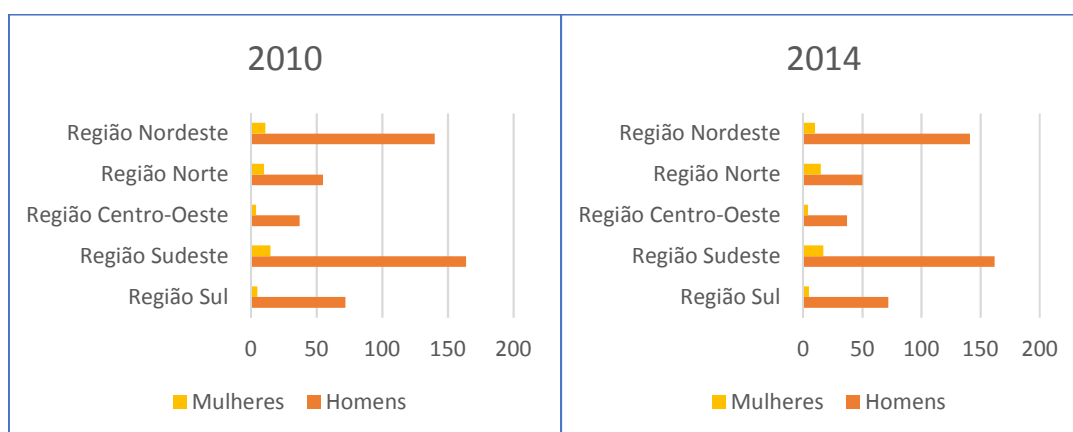
⁵ Vale lembrar que em 2010 os eleitores votariam em dois representantes para o senado, enquanto que em 2014 o voto seria dado a um representante, conforme legislação brasileira que prevê o mandato de oito anos para senadores e senadoras, havendo renovação de dois terços e um terço, alternadamente a cada eleição de quatro anos.

disponíveis em 2010. Em 2014 elas receberam mais votos no Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Norte, Sergipe e Tocantins.

As mulheres ocuparam 8,77% das cadeiras destinadas à Câmara Federal em 2010, com aumento desse percentual para 9,94% em 2014. Opostamente, a representação feminina para a função de deputadas estaduais caiu de 13,03% para 11,23%. As figuras abaixo trazem os números totais de eleitos, por sexo e região do país, tanto para os deputados e deputadas federais, quanto estaduais, para ambas as eleições.

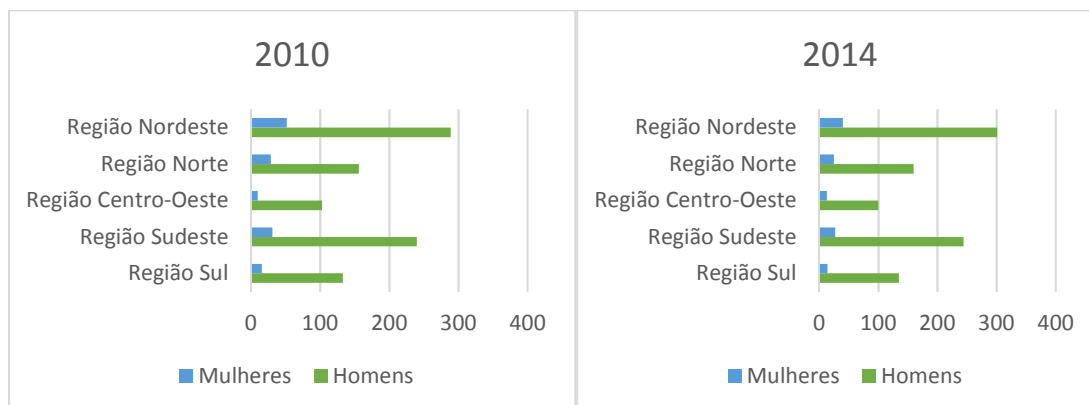
Para o município de Cunha são dispostas 11 cadeiras para a vereança, no ano de 2012, apesar de existirem 25 mulheres como candidatas nenhuma delas foi eleita, permanecendo um legislativo municipal totalmente masculino, tal qual o principal cargo do executivo municipal. Essa situação se repetiu nas últimas eleições, em que somente homens foram eleitos tanto para o legislativo quanto para o executivo municipal.

Figura 1 – Deputados federais eleitos em 2010 e 2014, por região e sexo



Fonte: Tribunal Superior Eleitoral

Figura 2 – Deputados estaduais eleitos em 2010 e 2014, por região e sexo



Fonte: Tribunal Superior Eleitoral

A participação feminina nos parlamentos tem aumentado nas últimas eleições, mas ainda é baixa frente a ampla ocupação masculina nesses espaços. Em Cunha, apesar de haver candidatas, nenhuma foi eleita. Vale lembrar que a legislação eleitoral obriga que 30% dos candidatos sejam mulheres, porém, não há qualquer tipo de sanção para os partidos que desobedecerem a regra.

Em termos gerais, os números apresentados seguem a série positiva encontrada no relatório da ONU que avalia os objetivos do milênio, porém, torna-se questionável o alcance desses dados no cotidiano das mulheres, se estão de fato contribuindo para uma abertura de possibilidades que diminua a assimetria de poder entre homens e mulheres, o que só é possível de ser analisado por meio da exemplificação das trajetórias dessas mulheres, que por sua vez, tem profunda relação com o local onde elas vivem. As duas próximas seções se dedicam a esses dois temas.

3 – O município de Cunha (SP): cenário revelado entre o ontem e o hoje

O sociólogo alemão Norbert Elias nos mostra que um importante recurso metodológico para compreender a sociedade está no conceito de figuração. Para ele (1980) a figuração – ou configuração – representa uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes, ou seja, uma rede de interdependência que une indivíduo e sociedade e que revela as relações de poder existentes. O autor ainda coloca ser de fundamental importância promover uma análise do processo histórico na compreensão das estruturas sociais em mudança.

Nesse sentido, duas obras são importantes para compreender as alterações pelas quais o município de Cunha passou ao longo do século passado. A primeira delas é do antropólogo Emilio Willems (1947) e a segunda do também antropólogo Robert Shirley (1977), ambos autores realizaram estudos de comunidade com especial preocupação nas transformações que estavam ocorrendo no município advindas do processo de urbanização em curso. Não será possível retomar toda a riqueza de detalhes que essas duas obras trazem, por ora, importa-nos caracterizar brevemente os aspectos políticos, sociais e econômicos de forma a compreender como a configuração social é tributária das opções abertas aos agentes sociais, em especial nesse estudo, para as mulheres.

O município de Cunha está localizado na porção leste do estado de São Paulo, região do Vale do Paraíba, faz divisa com a cidade de Paraty (RJ) e Guaratinguetá (SP). Essa localização permitiu que o município lograsse processos de desenvolvimento econômico no ciclo do ouro e do café. Embora de forma lindeira, essas duas atividades permitiram que Cunha se colocasse como produtor, em diferentes períodos, de artigos de subsistência e servisse como pouso para as tropas que transportavam as riquezas produzidas, via porto de Paraty. Contudo, um outro caminho por terra e a construção das linhas férreas ligando o estado de São Paulo ao Rio de Janeiro fez com que esse porto perdesse importância, levando o município à uma estagnação econômica, mantendo características intrínsecas à cultura caipira⁶.

Williems realiza sua pesquisa em Cunha em 1945, reforça suas características históricas de cidade como pouso obrigatório, afirmando ser as primeiras atividades ali desenvolvidas ligadas ao comércio. Caracteriza a cidade com ausência de latifúndios, o que contribuiu para a inexistência de antagonismos e para a não acumulação de grandes fortunas, além de uma divisão de classes aparentemente sem um estrato intermediário. O autor destaca a forte religiosidade presente no município, especialmente nas festas dedicadas a São José, ao Divino Espírito Santo e na Folia de Reis que mobilizavam toda a população, ligando os interesses econômicos e religiosos da comunidade, bem como a realização de mutirões que associavam trabalho e recreação. Para o autor, esses dois eventos ainda eram representativos de uma tradição que vinha sendo solapada por uma instabilidade social baseada na crescente dependência de trocas monetárias, na quebra do isolamento geográfico que favorecia a introdução de novos elementos culturais, na transição econômica da lavoura para a criação de gado e no êxodo provocado pelas novas atividades econômica. Em suma, o município de Cunha estaria na década de 1940 vivenciando um período de transição, cujos fatores de estabilidade da estrutura sociocultural estavam sendo alterados, provocando novos comportamentos e novas relações na comunidade que se traduziam em um aumento da racionalização da vida, na despersonalização das relações sociais e numa crescente individualização da comunidade.

⁶ Sobre características da cultura caipira, além dos próprios Willems e Shirley citados anteriormente, ver: Cândido (2001) e Queiróz (1973).

Shirley, que realiza sua pesquisa vinte anos após o estudo de Willems, destaca que a expansão industrial no Vale do Paraíba nos anos de 1950 faz de Cunha novamente um município fornecedor de produtos de subsistência, contudo, há alteração no padrão alimentar baseado no consumo de carnes e laticínios mudando, portanto, o foco da produção do município que antes estava baseada em milho e feijão, principalmente. A nova configuração econômica faz emergir uma classe média rural e de setores intermediários compostos por comerciantes e sitiantes. O autor ressalta que o comércio e a prestação de serviços passam a ser as atividades mais importantes no município, que vê sua organização social, anteriormente baseada nos grupos de vizinhança, perder espaço com a população cada vez mais voltada para a cidade que passa a ser o centro da vida social. Esse fato, aliado a presença de novos mercados, comercialização de terras e melhoria do transporte, representaria para o autor, sinais de mudança de uma sociedade antes baseada na cultura caipira que vai, aos poucos, tomando forma de uma nova maneira de viver em que a tradição permanece no imaginário, mas não se expressa mais no comportamento do cunhense.

Apesar de não trazerem em suas análises um olhar específico para as mulheres do município, os autores relatam algumas observações que servem de parâmetro para estudos contemporâneos. Willems observa ser comum o casamento entre famílias aparentadas, porém observa que matrimônios com pessoas vindas de outras cidades também eram comum e, inclusive, preferido por algumas mulheres por representarem certa ascensão social. O autor observou uma diferença de autonomia entre as mulheres que viviam nas áreas urbanas e as das áreas rurais, sendo que essas últimas gozavam de maior independência em seus relacionamentos. Em termos de atividades econômicas, o autor destaca que poucas mulheres ocupavam postos especializados no município. Já Shirley, aponta que as mulheres se casavam jovens e, geralmente, com homens mais velhos e corrobora seu antecessor ao afirmar que muitos bairros foram formados por uma rede de parentesco que revelava diversos casamentos realizados entre a mesma família. Observou, ainda, uma preocupação com a educação formal das mulheres por parte de seus pais que consideravam ser difícil para as moças conseguir emprego sem uma formação

nas escolas normais, já os rapazes poderiam seguir a profissão do pai e seriam educados formalmente caso houvesse oportunidade.

Desde a década de 1990 o município vem se firmando como uma estância climática e investindo no turismo⁷, com um calendário específico de festas e festivais, como por exemplo, o festival de inverno e a festa do pinhão. Para representantes do poder público local, o turismo representa a principal estratégia de desenvolvimento na atualidade que teve na pavimentação da estrada Cunha-Paraty, realizada em fins de 2016, um importante impulso. Ainda nos anos de 1970 o município começa a receber pessoas de outras cidades em busca das belezas naturais e do clima agradável do município, tendo sua entrada facilitada pelo baixo preço das terras, esses “forasteiros” ocupam os bairros rurais da cidade que tem no parcelamento das propriedades a oportunidade de adquirir chácaras de lazer. A entrada das pessoas vindas de outros municípios ao invés de representar conflitos com os moradores locais, apresentou-se como uma nova possibilidade de trabalho. Agricultores ou pecuaristas que viram suas atividades decair ao longo dos anos, passam a ser empregados nessas propriedades.

Em termos econômicos e segundo dados do IBGE de 2010, o setor de serviços é o que mais emprega a população de Cunha (45%) seguido da agricultura (41,4%). A produção de leite ainda é forte, especialmente, no distrito de Campos Novos e divide espaço com a produção de hortaliças no restante do município.

As festas religiosas continuam a ser um importante elemento integrador da sociedade, em especial, a festa do Divino que começa a ser organizada meses antes de sua finalização que ocorre no mês de julho de cada ano. Além disso, os mutirões realizados no passado ganham uma nova roupagem e continuam a mobilizar o bairro do Sítio em conjunto com a prefeitura para limpeza da estrada, seguida de um almoço realizado na associação de moradores.

De um modo geral e tendo por parâmetro os estudos realizados por Willems e Shirley, é possível afirmar que há uma integração total do município com outras cidades do Vale do Paraíba, há racionalização da vida, mas mantêm-se a personalização das relações sociais e uma visão de comunidade que podem

⁷ O município foi decretado como Estância Climática em 1948.

ser traduzidas como manutenção dos padrões culturais encontrados pelos autores, ou seja, a tradição permanece, porém transmutada numa sociedade ainda mais complexa em que a relação entre o passado e o presente revela nuances aproveitadas na principal estratégia econômica, o turismo.

Para as mulheres não é diferente e o turismo e o aproveitamento do município enquanto estância climática vem apresentando novas oportunidades, como se verá nas trajetórias apresentadas a seguir.

4 – Entre o ontem e o hoje: oportunidades para as mulheres

Foram, ao todo, 15 mulheres entrevistadas no município de Cunha, tendo um roteiro de questões como norteadoras, as entrevistas partiram da infância dessas mulheres, passando pela adolescência e vida adulta até chegar no momento atual de suas vidas. Interessou-nos, sobretudo, compreender as possibilidades vislumbradas por elas em cada etapa da vida e como o município contribuiu ou limitou a realização de seus desejos e a adequação entre eles e a realidade vivenciada por cada uma delas. Optou-se, aqui, por descrever duas das trajetórias, cujas experiências refletem a conjugação entre a expectativa e a realidade que a configuração social nas quais elas tiveram inseridas possibilitou.

4.1 – Cunha como contemplação

Maria é uma mulher de 66 anos de idade, a família de sua mãe é do Paraná e a de seu pai perdeu tudo o que tinham durante a segunda guerra. Em 1942 o pai foi trabalhar em Cunha como pedreiro, a casa onde ela mora atualmente foi ele quem construiu antes de morrer, a mãe ainda é viva, porém adoentada e quem cuida dela é Maria. Ela era dona de casa e teve 12 filhos, Maria é quinta filha entre eles e estudou até a 5ª série. Enquanto criança, não pode seguir adiante nos estudos porque tinha que ajudar sua mãe em casa com os filhos, relata que cuidava de seus irmãos enquanto a mãe se recuperava entre uma gravidez e outra, quando não encontrava o serviço de casa feito, a mãe apelava para a agressão física. Por isso, conta, era revoltada com a situação e acabou se casando aos 16 anos de idade, queria sair de casa e viver a sua própria vida. Nessa época a mãe já havia se mudado para São Paulo e ela morou nos fundos da casa dos pais, pagando aluguel a eles.

Durante a infância, Maria quase não saía de casa, ia somente à igreja, comenta que as meninas não costumavam brincar na rua, só os irmãos homens.

Maria começou a trabalhar aos 15 anos de idade. Seus pais nunca fizeram planos para os filhos, queriam que trabalhassem para ganhar dinheiro e ajudar em casa. Maria tem dez netos e cinco filhos, duas de suas filhas fizeram faculdade, os outros não quiseram, preferiram trabalhar.

Na sua relação conjugal sempre tomou conta das coisas, diz que seu marido nunca se interessou pelos assuntos relacionados aos filhos ou com as questões da casa.

Hoje, Maria se considera uma pessoa rica e muito bem de vida, acha que o marido lhe ajudou, pois conseguiu terminar seus estudos e, ainda, cursar enfermagem, profissão a qual se dedicou parte da vida e em que hoje atua como voluntária. Faz 31 anos que ela voltou a morar em Cunha, vinda de São Paulo junto com seu marido compraram uma chácara porque queriam deixar a cidade grande e viver num lugar mais tranquilo que proporcionasse maior bem-estar e segurança. No bairro onde ela mora, todo mundo se cumprimenta, afirma que o sossego é a principal diferença entre Cunha e São Paulo, representando um bom lugar para viver sua aposentadoria. Diz que o bairro mudou muito ao longo dos anos, em geral, as pessoas melhoraram de vida e isso pode ser visto nas casas das pessoas.

Aos domingos ela vai até a sede da associação de bairro e se encontra com os vizinhos e moradores. Considera que hoje a vida é bem melhor que no passado, pois há mais possibilidades financeiras e de lazer.

4.2 – O turismo como oportunidade

Ana tem 36 anos, é casada e tem um filho de nove anos que estuda na escola do bairro. Ela vive na mesma casa que viveram seus pais e avós. Casou-se em 2000 com um amigo de infância, que conheceu no mesmo bairro. Quando se uniram construíram uma casa ao lado da mãe, seu marido começou a trabalhar com seu pai na plantação de tomate, mas depois aprendeu o ofício de pedreiro, ao que se dedica até hoje. Ana trabalha na associação de moradores do bairro, não tem um salário fixo, mas ganha a partir das comidas que consegue vender lá. Antes disso, trabalhou como faxineira e como pintora das casas que seu marido construía pelo bairro e pela cidade. Afirma que graças as pessoas que vieram de fora, foi possível conseguir esses trabalhos e que hoje, as pousadas ali e em bairros vizinhos empregam muita gente.

Ana estudou até a 8ª série, não pode frequentar mais a escola porque tinha que ajudar seus pais em casa na plantação de tomates, considera que poderá voltar a estudar, pois, quer frequentar um curso de gastronomia, para isso terá que deixar a cidade, mas afirma que se for, volta porque é ali que quer permanecer. Foi num curso sobre turismo que Ana viu uma oportunidade de negócio, visitar pousadas, cozinhas, preparar alimentos, ver como todas essas coisas funcionam lhe aguçaram a curiosidade. Ela afirma ter, inclusive, mudado seu comportamento, antes tímida, agora ela recebe os turistas que visitam o bairro, conversa com eles e procura inovar nos salgados que prepara para a venda.

Ana afirma que discute todos os problemas que tem com seu marido, especialmente quando se trata de resoluções para o filho. Além disso, as coisas da casa também são discutidas e as decisões tomadas em conjunto. Das tarefas domésticas, ela afirma cuidar, porém quando necessita tem a ajuda do marido.

Ela faz parte da associação de moradores e pertence à diretoria como fiscal, além disso, toda a contabilidade dos produtos que são vendidos passa por ela que é responsável por receber e retornar o dinheiro para as pessoas que expõe ali sua produção, entre elas, mel e artesanatos produzidos pelas mulheres do bairro. Além disso, Ana faz parte do recém constituído Conselho Municipal de Turismo, que tem como responsabilidade pensar estratégias para o desenvolvimento dessa atividade no município como um todo e se diz muito feliz com essas responsabilidades, já que representam uma oportunidade de conhecer pessoas e melhorar sua condição de trabalho.

Ana afirma que a vida no bairro é permeada por fortes relações entre os vizinhos, a ajuda mútua é grande e sempre que precisam podem contar com eles. Para ela, viver ali é estar em um pedacinho do céu.

* * *

As duas trajetórias apresentadas demonstram como o isolamento de Cunha possibilitou a existência de um espaço tranquilo para se viver, além disso, sua riqueza natural abriu oportunidade para que o município lograsse um lugar junto ao competitivo mercado do turismo. Porém, vê-se que oportunidades de estudos ainda são escassas, sendo possível atingir o nível universitário somente fora da cidade. A presença de pessoas de outras cidades, num convívio cotidiano e também esporádico como é o caso dos turistas, proporciona aos moradores

da cidade uma experiência exógena que tem se demonstrado, até o momento, livre de conflitos. Opostamente, as entrevistadas consideram que a presença desses grupos traz um outro olhar sobre o mundo que lhes enriquece, permitindo o contato com outros conhecimentos que não seria possível, dado o caráter endógeno das relações sociais expressos nos casamentos realizados no mesmo grupo social e nas fortes relações de vizinhança.

Considerações Finais

Procurou-se demonstrar nas páginas anteriores que o tema da igualdade de gênero vem ganhando corpo neste século e ultrapassando as bordas dos movimentos feministas ao ser pautado mundialmente como um requisito para o desenvolvimento e bem-estar dos países. Os dados apresentados sobre o Brasil da última década demonstram que estamos galgando outros espaços que, antes, as mulheres não tinham acesso, ou ao menos um acesso mais limitado. Porém, esse novo quadro ainda se dá em conjunto com diferenças salariais expressivas, de sermos mais responsabilizadas nas tarefas reprodutivas e de ocuparmos funções dadas socialmente como tipicamente femininas. Elementos esses que caracterizam a reprodução de diferenças a partir de um sistema patriarcal que define papéis específicos para homens e mulheres.

O município de Cunha, que esteve à margem dos processos de desenvolvimento experimentados pelo estado de São Paulo, passa atualmente por um momento de transição, com novas dinâmicas vindas da opção estratégica de aposta na atividade do turismo como vetor de expansão econômica, num cenário em que o tema da igualdade de gênero e da força feminina são massivamente veiculados, criando novos símbolos culturais. Nas duas trajetórias apresentadas anteriormente destaca-se a importância da configuração local como fator que limita ou expande as possibilidades de escolha das mulheres, especialmente, nas questões relacionadas ao trabalho, ao estudo e às relações sociais.

Retomando o objetivo que orientou essa pesquisa, qual seja, de observar na trajetória de vida das mulheres de Cunha como as tendências mundiais ligadas à igualdade de gênero estão se portando, considera-se que há avanços na escolaridade, nas questões ligadas ao trabalho e renda. Percebe-se, contudo, uma diferença entre as duas entrevistadas. A primeira, na faixa dos 60 anos, traz

eu seu discurso marcas de uma violência física e simbólica por ser mulher sofrida na infância/adolescência. A incumbência de cuidar dos irmãos, sob forte comando de sua mãe, lhe fez tomar opções severas na vida, como se casar aos 16 anos de idade para poder ter sua própria casa. Felizmente, em seu caso, o matrimônio foi importante para expansão das suas liberdades e para lhe abrir outras possibilidades. Para a outra entrevistada, na faixa dos 30 anos, a assimetria em ser homem e ser mulher não se fez tão presente, corroborado por seu discurso sobre a divisão de responsabilidades na esfera doméstica. Esses elementos demonstram que as funções femininas e masculinas na sociedade vêm se alterando de forma lenta e gradual, expressas nas diferentes gerações.

Joan Scott, conforme apontado anteriormente, preconiza que as mudanças sociais podem ocorrer por meio de alguns elementos, entre eles, transformações nas estruturas de emprego e no surgimento de novos tipos de símbolos culturais. Esses dois fatores estão presentes no município de Cunha. Apesar de continuar apostando nas atividades terciárias como fonte econômica, o turismo e o crescente contato com grupos exógenos colaboram na expansão de novas oportunidades de emprego e renda. Além disso, a necessidade e a amplitude da igualdade de gênero engendram um novo símbolo cultural cuja essência é um ser feminino com simetria de poder ao masculino que, embora de forma lenta e gradual, vai sendo apropriado pelos agentes sociais.

Referências bibliográficas

BANCO MUNDIAL. **Igualdade de gênero e desenvolvimento. 2012.** Disponível em < <http://siteresources.worldbank.org/INTWDR2012/Resources/7778105-1299699968583/7786210-1315936231894/Overview-Portuguese.pdf>> Acesso em 17/03/2017.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do rio Bonito:** estudo sobre o caipira paulista e a transformação do meio de vida. 8ª edição, São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2001.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia.** Portugal, Lisboa: Edições 70, 1980.

FAVARETO, Ariane. Práticas sociais femininas e relações de gênero no rural paulista. **Anais** do 40º Encontro Anual da Anpocs, de 24 a 28 de outubro de 2016, em Caxambu - MG. ISSN 2177-3092

ONU. **The Millennium Development Goals Report,** 2015.

QUEIROZ, Maria I. P. de. **O campesinato brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1973.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SCOTT, Joan Wallach. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas.** Florianópolis, 13 (1):216, jan./abril 2005, pp. 11-30.

SEN, Amartya. Development as Capability Expansion. In: FUKUDA-PARR, S. *et al.* **Readings in Human Development.** New Delhi and New York: Oxford University Press; 2003.

SHIRLEY, Robert W. **O fim de uma tradição:** cultura e desenvolvimento no município de Cunha. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia: Editora Perspectiva, 1977.

WILLEMS, Emilio. **Cunha:** tradição e transição em uma cultura rural no Brasil. São Paulo: Secretaria da Agricultura do estado de São Paulo, 1947.